

SAFFIOTI, Heleieth. Entrevista. por Natalia Pietra Méndez.

Decupagem.

São Paulo, 19 de julho de 2008

*Natalia Pietra Méndez\**

---

Com a perspectiva de realizar uma modesta homenagem à Heleieth Saffioti, que faleceu em dezembro de 2010, a revista *Métis* publica uma versão editada de entrevista que a socióloga feminista concedeu em julho de 2008.<sup>1</sup> Heleieth Saffioti foi autora de diversos estudos sobre a condição das mulheres na sociedade brasileira e na latino-americana, os quais se constituíram em referências obrigatórias para a crescente produção de estudos feministas no País, notadamente nas ciências sociais e na história. Nessa entrevista, Saffioti fala de sua trajetória intelectual, revelando aspectos de sua vida privada que mostram um olhar atento às dicotomias entre o pessoal e o político. A publicação tem por finalidade igualmente multiplicar o acesso a um registro que contribui para as memórias dos feminismos e para questionar o lugar das mulheres na história.

**Natalia Pietra Méndez (NPM):** Sua origem foi humilde. Eu li que sua mãe era costureira, seu pai, pedreiro. Seus pais eram operários?

**Heleieth Saffioti (HS):** Minha mãe não chegou nem a sequer à condição de operária. Ela tinha máquina de costura e trabalhava por conta própria, o que é pior do que ter uma carteira assinada. E meu pai, nas mesmas circunstâncias, quando havia trabalho, se trabalhava, quando não havia, não havia o que se fazer porque época de chuva não se constrói. Então, foi uma infância muito difícil do ponto financeiro, mas, por outro lado, me trouxe muitas alegrias. Eu sou a mais velha da família e só tenho um irmão. E meu padrinho era um cidadão muito rico, tinha

---

<sup>1</sup> A entrevista que publicamos foi realizada como parte do levantamento documental da Tese de Doutorado de Natalia Pietra Méndez, intitulada *Com a palavra, o segundo sexo: percursos do pensamento intelectual feminista no Brasil dos anos 1960*. Não houve modificação ou cortes nos conteúdos de perguntas e respostas. Devido ao volume da entrevista documentada, o trabalho editorial consistiu em selecionar apenas uma parte da entrevista. A mesma se encontra na íntegra nos anexos da tese.

fazendas, e as fazendas ficavam perto de Araçatuba, não pertenciam à Comarca de Araçatuba. Pra você que não tem familiaridade com isso porque é de outro estado, acho que não vai adiantar, mas fica perto de Monte Aprazível, General Salgado, enfim, as fazendas ficavam naquela área. E meu padrinho convidou meu pai e minha mãe para irem morar na fazenda porque meu padrinho queria que meu pai construísse umas casas, e eu tinha, nesse momento, 6 anos e meio; meu irmão, 4 anos e meio. Com relação a ele, não havia dúvida. Ele não estava na escola, então ele iria com a mamãe e o papai. Agora, comigo não, porque minhas tias paternas eram professoras, e eu, quando entrei na escola, aos 6 anos, já entrei alfabetizada. Então, eu não podia ir porque lá não havia escola e nem se imaginava interromper os estudos. A alfabetização foi feita mais pelas minhas tias, não que minha mãe não pudesse ter feito, mas ela não tinha tempo. E era o *métier* das minhas tias, e também não era uma coisa sistemática, não. Iam me dando noções, e eu, naturalmente, gostava e ia absorvendo. Eram professoras, eram duas em escolas isoladas que têm primeira, segunda e terceira séries, não tem a quarta, que eu fiz depois, no grupo escolar. Então, em Ibirá, onde eu nasci, sertão, eu fiquei com minha vó pra ir à escola e foi um momento decisivo da minha vida porque minha vó era um encanto de criatura, e minha mãe saiu a ela. Ela é um amorzinho, todas as cuidadoras adoram cuidar dela, ela não dá trabalho, para ela está tudo bom. Eu não, eu já sou reclamona.

Bom, eles foram, levando meu irmão, e eu fiquei com minha vó. Eu era a neta preferida de minha avó, família italiana, a família dela era muito grande. As minhas duas avós tiveram, cada uma, 14 filhos. Do meu pai eu não conheci a avó nem o avô. Mas do lado materno sim. Minha avó me tratava como um bibelô, eu adorava viver com minha avó. Então foi boa a experiência, três anos e meio com eles.

Mas houve um detalhe negativo. Eu me lembro até hoje da saída do caminhão de mudança e eu correndo atrás do caminhão. Era a minha primeira experiência de desamparo. Era um abandono, quer dizer, eu sabia, intelectualmente, que era necessário. Eu mesma não queria interromper os estudos. Mas, de qualquer maneira, eu iria ficar sem o carinho dos meus pais, sem o meu irmão.

Essa experiência de desamparo eu acho que é alguma coisa que me acompanha, sabe? Se eu perco alguém eu já entro naquele clima do desamparo. E foi aos 6 anos e meio, muito precoce, coitadinha de mim (risos).

Bom, nas férias eu ia, adorava ir para lá porque adorava cavalgar, e meu pai tinha um cavalo. Eu montava no cavalo e saía por aquelas fazendas e era uma delícia. Também era muito perto do Tietê, fazíamos piqueniques em áreas do Tietê muito rasas, com pedras, regiões bem bonitas do Tietê. Depois, quando eu terminei o grupo escolar, eu fui para Auriflame.

Minha família ficou muito pouco tempo na fazenda e se mudou para a cidade. Meu pai, trabalhando nas coisas dele, mas também logo um irmão dele resolveu se estabelecer com uma máquina de beneficiar arroz e engajou meu pai no trabalho da máquina, e minha mãe, claro, foi formando sua clientela, e assim foram vivendo. Agora, não havia como me fazer estudar além do 4ª ano primário. Eu fiquei 3 anos entre grupo escolar e o ginásio, sem estudar. Agora, minha mãe, que sempre foi muito sábia sem ter o grau de escolaridade que justificasse essa sabedoria, ela costurava e se tornava amiga das professoras primárias. Porque naquela época, ser professora era ter um *status* muito bom em uma cidade pequena. Então, ela falou com uma professora amiga dela que ela não queria que eu ficasse inteiramente longe dos afazeres intelectuais, e eu passei a ser uma espécie de monitora da professora. Assistia às aulas, intervinha, ajudava os estudantes com dificuldades, e isso foi muito bom porque eu não ganhei, mas eu deixei de perder, não perdi nada.

As mesmas tias que haviam sido minhas professoras, uma delas havia se casado e morava em Avaré, e a outra estava em São Paulo. Se decidi que eu seria levada para Avaré. Só que, quando eu cheguei lá, essa tia adoeceu e precisou ser hospitalizada, não se sabia quanto tempo ficaria em hospital. Obviamente, como ela era minha tia, o marido dela não era meu parente, não iam me deixar com o marido dela na casa, eu com quase 13 anos, adolescente. Tiveram que pensar outra solução. Fui para Itapetininga porque um irmão do papai era professor na escola agrícola. Só que esse meu tio morava na fazenda e havia sido suspensa, quando eu cheguei lá, a condução da fazenda para a cidade. Isso inviabilizou minha estada na casa dele. Então, eu fui parar na casa de gente que eu nem conhecia. Eram os pais da tia que era mulher do meu tio. E eu fui tão bem-recebida... Esse casal era maravilhoso! Ele era alemão, e ela, brasileira e tinham duas filhas. Uma, que era a esposa do meu tio, que faleceu recentemente, e outra mais ou menos da minha idade. A família da minha mãe sempre foi católica. Minha mãe nunca foi de frequentar a

igreja sistematicamente. A família do meu pai já pendia para o espiritismo. E em Itapetininga eu entrei em contato com uma outra religião que, para mim, era uma coisa totalmente nova porque eles eram presbiterianos. Era muito moderna a Igreja Protestante, naquela época, se comparada à Igreja Católica. A missa ainda era rezada em latim, aquela história toda, manter jejum para poder comungar, e a tal da confissão. E o protestantismo me mostrava um outro lado, da festa, do jantar comemorativo, do teatro, aí eu fiquei encantada, não propriamente com a religião, mas com essas atividades que a Yolanda gostava. Nós tínhamos mais ou menos a mesma idade, uma fazia companhia para a outra e gostávamos das festas. Porque eu nunca fui de missa. Eu fui criada junto de uma prima que eu adoro. Essa prima era muito católica e, olha, criadas juntas, prima por parte de mãe, e ela era carolíssima. Se, porventura, ela comesse ou tomasse alguma coisa, ela não tinha dúvida, para poder comungar, tocava o dedo na garganta, vomitava e comungava. Eu dava risadas, achava engraçado aquilo. Mas eu nunca, desde criança, eu já não gostava de religião. Claro que, quando me acenaram com vestido novo, sapato novo, fotografia, no dia da Primeira Comunhão, eu quis fazer a Primeira Comunhão. Lógico, para tirar minhas casquinhas! Mas não era pra ser filha de Maria e coisas do tipo, nunca fui religiosa. Hoje, já não brigamos mais, não há nenhuma rusguinha. Mas até uns dez anos atrás, não se podia falar em religião porque dava algum problema. Agora, tacitamente, se acordou que não se discute esse problema. Ela tem suas crenças, e crença não se discute mesmo, ou tem ou não tem, não é possível comprar na farmácia ou no botequim da esquina. Eu gosto muito dela, é a irmã que eu não tenho, ela também me considera irmã, nos damos muito bem, mas cada uma na sua.

(NPM): Como foi sua inclinação para se transformar em uma socióloga, professora, pensadora? Sua família, pelo que a senhora conta, não possuía uma trajetória de formação superior, universitária.

(HS): Não, foi minha geração que ascendeu. Veja você, eu fiquei um ano em Itapetininga com os sogros do meu tio, aí vim para São Paulo. E as minhas tias tinham um tirocínio importante nessa área e elas eram muito bruxas, mas sabiam escolher o que era melhor. E o Instituto de Educação Caetano de Campos, também conhecido como Escola-Modelo, Escola Normal da Praça, funcionava nesse prédio aqui da praça. [Refere-se à Praça da República, em São Paulo.] Eu adoro esse

pedaço por isso, estudei sete anos aqui. Bom, não havia vaga para nem meia pessoa. E havia exame de admissão. Eu tinha feito o primeiro ano do ginásio em Itapetininga e, sem fazer cursinho – porque havia cursinho para a admissão – sem nada, com o que eu fiz esse exame? Fiz com aquilo que eu mantive assistindo a aulas do terceiro ano porque não tinha quarto em Auriflame. Posteriormente, sim, no início, não. Eu consegui entrar, passar, fazer o primeiro ano.

Aconteceu que, naquele ano, foi criado o curso noturno, o Ginásio à noite, aqui na Caetano, em torno de 1949, eu acho. Em 1955, eu fiz a Escola Normal. E havia, não sei se ainda há, o comissionamento, que consiste no seguinte: a pessoa só estuda, não trabalha e recebe um salário se ela for classificada em primeiro lugar. Bom, eu fiquei um ano com essas tias bruxas e não gostei e me mudei para a casa dessa prima da qual eu gosto e, na casa dela, eu fiquei em torno de três anos e meio. Então, havia épocas em que eu tinha três empregos, um pela manhã, um à tarde, entre o da tarde do qual eu saía às 17 horas para entrar depois na escola às 19 horas, eu dava aulas particulares de português. Eram três empregos, e eu não podia ter a pretensão de ser a primeira colocada com todas essas atividades. Havia, depois da Escola Normal, um ano de aperfeiçoamento de professores, só pela manhã, não havia à noite. Então, eu arranjei um emprego à tarde e outro à noite para poder estudar de manhã. E deste, eu fui a primeira colocada. Então, ser a primeira colocada representava uma coisa maravilhosa. Eu tinha que me profissionalizar logo para poder, de forma sistemática e garantida, ajudar a família. E tendo sido a primeira colocada, ganhei Cadeira-Prêmio. Isso significa o quê? Naquela época, a normalista, quando se formava, ficava numa escola, sem fazer nada, como substituta e, quando faltava uma professora, ela cobria essa professora, era raro; quando tinha bebê, então, havia uma licença que era menor do que hoje, mas que, de qualquer forma, era melhor do que um dia ou dois. Era muito instável porque se ganhava quando se trabalhava. Quando se ficava esperando a professora, e ela não chegava e, se tomava a classe dela para dar as aulas, se ganhava; se ela chegasse, claro que a aula era dela. Era uma situação instável, e eu não passei por isso. Não passei por aquele *stress* de ficar em fila de classificação, ou então, “então esse ano não dá pra escolher” ou só dá em “chiririca” no fim do mundo! (Risos.) E depois, a pessoa ia se removendo até chegar à capital. Eu não tive isso. Com a Cadeira-Prêmio, não havia fila, a gente furava a fila, era o normal. Então, eu fui a primeira a escolher,

independentemente dos anos que aquelas pessoas tinham de espera. Era um prêmio, tanto que chamava-se Cadeira-Prêmio. E aí eu escolhi São Paulo. Mas, a essa altura, quando eu escolhi, porque demorou para sair a convocação, foi 1955, eu acho, outubro, comecei a dar aulas no Ensino Primário, mas já não me satisfazia. Prestei o vestibular – sem cursinho, sem nada – para ciências sociais na USP. Naquela época, a coisa era duríssima. Primeiro, não havia livros em português. Todo o mundo, ou foi para uma escola especializada aprender línguas ou aprendeu na raça. Porque havia livros em francês, inglês, no máximo, havia uma tradução mexicana da *Fondo* [Editora]; e espanhol, por exemplo, eu aprendi “na marra”, porque é tão parecido com o português. Pra vocês [*do Sul*] é mais fácil, para nós já fica mais difícil, mas, mesmo assim, é muito simples. Eu aprendi sozinha e, futuramente, fui aperfeiçoando isso na medida em que ficava uma semana no Chile, duas ou três em Cuba, um tanto na Argentina, e fui melhorando o espanhol. Tanto que, em 1973, eu fui convidada para colaborar em um curso de pós-graduação no México, sobre gênero, e eu fui, mas, antes disso, eu falei: “Não, eu não sei, eu nunca estudei espanhol e vou ter que dar o curso em espanhol”, e aquele professor de espanhol já estava na minha carreira acadêmica, então, nós tínhamos um colega especialista em espanhol. E havia a esposa de um professor que queria estudar, éramos duas, contratamos aquele senhor para nos dar aulas de espanhol. E, quando terminou a primeira aula, que era muito participativa, e ele não falava português na aula, somente espanhol, ele disse: “Se a Bia quiser continuar, ótimo, senão termina aqui o curso porque você não precisa.” Claro que, quando eu não sei como se fala, dou uma volta e digo trocado. Inglês e francês eu estudei um pouco, muito pouco e depois deslanchei nesses países. Quando eu me casei, fiquei um ano nos Estados Unidos porque meu marido ganhou uma bolsa para estudar energia nuclear, então eu fui junto. Era curioso porque ele tinha um vocabulário muito maior que o meu. Eu tinha feito dois estágios do Yázig; naquela época, só havia dois e depois que eles ampliaram. E eu tinha um vocabulário pequeno só que eu sabia as expressões idiomáticas. Eu me saí muito melhor do que ele e tive condições de melhorar meu inglês sozinha, enquanto ele sempre tinha problemas porque não conhecia as expressões idiomáticas. Francês, eu fiz um ano de Aliança [Francesa] e era demorado, me enchia a paciência. Depois apareceu, na própria Aliança, curso audiovisual. Daí eu me apresentei dizendo à professora que eu não queria

entrar no início porque eu já sabia uma série de coisas, já lia, não sabia falar mas eu sabia ler porque eu tinha que ler na faculdade pra poder sobreviver.

(NPM): Quando a senhora entrou na faculdade?

(HS) Em 1956, no mesmo ano em que me casei. Comecei em março, era seriado na época. Eu tinha feito os exames do meio do ano, mas não tinha iniciado o segundo semestre. Porque eu me casei em agosto, até julho foram férias e daí veio o casamento e, eu precisava de um formulário se era casado ou não [formulário do CNPq para a bolsa dos EUA que o esposo ganhou]. Meu marido já tinha Química, depois fez Física e já tinha Doutorado em Química, três livros publicados e casou-se com uma ilustre ignorante. O fato é que nós nos casamos. E, às vezes, em algumas conferências, eu conto, porque essa gente não tem muita imaginação, elas querem receitinhas de como mudar o marido ou o namorado. Então, eu conto o que me aconteceu. Havia quase 13 anos de diferença de idade entre eu e meu marido. E eu pensei: “Tenho que ser muito espertinha senão ele vai me dominar.” Eu, uma moleca, e ele já tinha tudo isso. Eu imaginava que estratégias eu deveria usar. Foi engraçado porque, primeiro, nós moramos na Pensilvânia, então nós alugamos um apartamento. Era uma casa muito grande, e o proprietário fez entradas independentes. Então, no sótão, estavam as máquinas de lavar roupa, coisa que lá passou a existir muito antes do que aqui. E, no andar superior da casa, havia dois apartamentos. Num deles morava um casal americano, no outro, nós. Embaixo, morava um casal brasileiro com uma garotinha de 1 ano. E, uma noite, eu estava resfriada, simplesmente resfriada. E o Saffioti chegou e disse: “O Larry, a Ivete e eu vamos ao cinema, você não irá porque está resfriada.” E eu pensei: “Começou a decidir por mim.” Eu não disse nada, eles saíram, e 2 minutos depois, eu saí, fui a outro cinema, saí do cinema fui passear porque eu queria chegar tarde em casa. Então, fiquei andando pela cidade. Lá pelas tantas, chego eu: “Onde você estava? Você nos deixou quase loucos, imagine uma menina à noite, sozinha, num país estrangeiro, que absurdo, onde você estava?” E eu respondi: “Que coisa curiosa você me perguntar isso, por acaso você me perguntou se eu me sentia em condições de sair estando resfriada, porque gripada eu não estou, examine bem a pergunta que você me fez, porque eu não tenho nada a lhe responder.” E não contei. Então começou assim o processo de

ressocialização do meu marido. Eu tinha sempre querelas com certas feministas que defendiam o trabalho com mulheres vítimas de violência. Eu dizia: “Tem que haver serviços oferecidos aos homens, ambos foram educados na sociedade machista, ambos merecem serviços.” E a resposta era: “Não porque a verba é restrita e a vítima tem sempre prioridade.” E eu pensava: “Que prioridade besta, não? Porque vai mudar a cabeça da mulher, não vai mexer com a do homem, é óbvio que a relação vai piorar.” E ainda se fala em conciliação, olha a contradição! Não haverá conciliação. Agora, eu também não sou em todos os casos pela conciliação, depende.

(NPM): O que a levou a optar por uma pesquisa unindo as categorias classe e sexo, como foi o encontro com essa temática?

(HS): Eu cresci num curso bastante reacionário, o autor mais progressista que se dava era Mannheim. Quando eu terminei o curso, eu vi: puxa vida, eu não sei nada! O Luis Pereira me convidou para trabalhar lá [Araraquara]. A coisa foi mais complexa porque eu já fiz três vestibulares na minha vida, pra não pedir favor. Eu não tenho problema de pedir favor na minha vida pessoal se eu precisar, mas, profissionalmente, não. De maneira que o Saffioti trabalhava na USP, aqui em São Paulo, e o diretor da hoje UNESP o convidou para montar o Instituto de Química, primeiramente o curso e posteriormente o instituto. Ele viajou durante o ano de 1961. Em 1962 nós resolvemos ir para lá porque estava ruim nossa vida, embora nós nunca tenhamos deixado o apartamento aqui em São Paulo, ficávamos mais tempo em Araraquara, o que pra mim foi muito bom porque não havia nada de atraente na cidade, então, eu pude estudar mesmo. Sentia necessidade de estudar todo o tempo que me fosse possível para ter alguma coisa pra dizer aos alunos, para não mostrar minha ignorância, então eu estudava muito. Eu precisava ir para lá. Solicitei um comissionamento, mas olha, eu tinha ficado quatro anos comissionada para fazer o curso na USP, recebendo sem trabalhar. Depois, nesses quatro anos que acabaram virando cinco porque num deles eu pedi um afastamento sem remuneração para ir aos Estados Unidos. E a secretaria negou meu pedido de comissionamento, e eu acatei como muito correto, achava que a secretaria realmente tinha razão. Bom, e como obrigá-la a me permitir desenvolver meu trabalho em Araraquara? A velha técnica de passar em primeiro lugar. Então, fiz vestibular para Pedagogia. Porque eu tinha pedido comissionamento não para a função docente, qualquer coisa que

me mandassem fazer, como escriturária, por exemplo, eu teria aceito, mas como negaram fui eu para o vestibular. E, mais uma vez, ganhei. Mas, antes de saírem os resultados, o Luis Pereira me convidou para trabalhar como assistente dele. Mal sabia eu que logo, logo ele iria se mandar e me deixar sozinha. Bom, distribuição do trabalho na cadeira. Havia um ano de Sociologia em todos os anos do curso de Sociologia, um em Letras, são cinco, e todos os anos do curso de Ciências Sociais, um ano de Sociologia. A cada ano que passava, era mais um em Ciências Sociais. Logo no primeiro ano, o Luis me deu Introdução à Sociologia que era sociologia sistemática e metodologia. Quantos em fim de carreira correm para não colocar a mão nessa cumbuca! E lá fui eu, olha eu estudava como uma desesperada, passava noites estudando porque eu não sabia e consegui. Mas isso foi em março, que começaram os cursos, aí o Luis permaneceu um ano ainda, mas não tomava conhecimento de minha existência, não era uma pessoa à qual eu pudesse me dirigir.

E foi superengraçado porque eu dei aula para a turma com a qual eu fiz o vestibular. No ano seguinte, o Luis veio – sem contrato com a USP – trabalhar no CESIT – Centro de Estudos de Sociologia Industrial e do Trabalho – situado na cadeira de Sociologia I, que havia a I do Florestan e a II do Rui Coelho. Então, eu fiquei sozinha, com cinco cursos anuais de Pedagogia, um em Letras e, a cada ano que passava, mais um em Ciências Sociais. Então eu fiquei com tudo e ouvia: “Vai ficar sozinha como professora de Matemática”; não havia professor de Antropologia, nem de Filosofia nem [...]. Pra não deixar o curso morrer, eu acabava estudando e passando para os alunos o que eu havia aprendido, e a mesma coisa ocorreu com meu marido, só que com uma grande diferença. Ele já era Doutor em Química, já tinha o curso de Física, já havia escrito três livros, já era doutor. Eu não, não havia pós-graduação, não havia o que há hoje. Havia Doutorado pelo sistema francês, de o candidato, orientação não havia, o candidato devia estudar e mostrar para o orientador o que havia feito, e ele é que iria dizer sim ou não, mas orientação propriamente não havia. Método, que é uma coisa superimportante não tinha. Se eu estivesse na USP, eu jamais teria escolhido este método, mesmo porque nunca ninguém me ensinou isso lá. [Refere-se à metodologia empregada no livro *A mulher na sociedade de classes*.] O que está aí foi o que eu aprendi sozinha. Eu penso que eu fui mais do que corajosa, eu fui temerária porque a conjuntura política me era altamente desfavorável. Nós perdemos poucos professores mas

eu, meu marido, o Luis estávamos em uma lista que deveria ter sido demitida, nós não tínhamos estabilidade. Por isso é que eu digo que eu fui temerária mesmo, eu coloquei a minha função, o meu cargo em jogo porque, veja que injustiça: havia uma norma que era o seguinte. Independentemente do momento em que o professor havia começado a sua carreira acadêmica, ele deveria entregar a Tese de Doutorado ou de Livre-Docência ao Conselho Estadual de Educação e, em seguida, defender o Doutorado ou a Livre-Docência. Não havia pós-graduação organizada, então, era ou o regime francês ou nada. E eu tinha muita consciência de que se eu não obedecesse a essa injusta norma – que era injusta porque uns haviam começado em 1959, eu havia começado em 1962 e porque, na mesma data, cada um tinha que apresentar a tese. Achava injusta, mas me dizia: homens podem desobedecer à norma, eu não posso, por enquanto, eu não posso desobedecer. Eu fiz das tripas coração, eu dormia três a quatro horas por noite e dava aquele mundaréu de aulas. E coletei todo o material. A tese ia ser de Doutorado, eu estava inscrita na USP com o Florestan e ia ser aquela das professoras primárias e operárias têxteis. Coletei todo o material, entrevistei todo mundo. No momento da redação, havia tão pouca coisa para ler! Existia a *Claudia*, mas você não pode dizer que os artigos da Carmen da Silva fossem científicos. Eram bons para abrir a cabeça das mulheres de classe média, mas não eram propriamente uma fonte para quem queria defender uma tese.

Foi muito difícil. No nível internacional, também era muito pobre a literatura. Quer ver quantos livros havia? Porque o da Betty Friedan, eu tive acesso a esse livro, e o meu livro já estava praticamente escrito. Então, quais existiam? O da Simone de Beauvoir e com algumas dificuldades sérias porque a história e a historiografia, em geral e, sobretudo, a etnografia, eram muito limitadas na época em que ela escreveu. Não se esqueça que tinha havido a guerra, ela escreveu no final da guerra ou logo depois de terminada. A primeira edição é de 1949. Então, tinha que usar com muita reserva essa parte. Acho que eu acabei sendo injusta com a Simone, eu já fiz até a autocrítica sobre isso porque, se você a tomar, você vai ver que eu estou muito ligada a ela em termos intelectuais. Mas o livro da Betty Friedan me causou um “rebu” tão grande que eu acabei me esquecendo da Simone e imputando certas coisas à Betty Friedan quando, na verdade, deveria ter colhido isso na Simone e ter dado o crédito a ela.

E havia o livro da Simone, o livro que a Viola Klein escreveu junto com a Alba Myrdal, havia o da Evelyne Sullerot, uma francesa, sobre operárias têxteis. E uma coletânea organizada pelo Chombart de Lauwe, muito pouca literatura. Por um lado, eu achava isso ruim porque eu não podia beber certas coisas teóricas que eu gostaria de ter encontrado prontas, mas, por outro lado, isso espicaçava minha curiosidade. Porque há só isso? É preciso que haja mais. E, quando eu fui examinar os dados diretamente colhidos por mim, eu achei muito pequeno para o que eu pensava. Fui muito metida mesmo, muito nariz arrebicado porque eu poderia ter ficado mais modesta, feito meu estudo empírico; não, já quis partir para uma coisa mais global, que tomasse o mundo. E deu nisso.

(NPM): E como Florestan Fernandes entrou na história?

(HS): Marquei com ele e levei a tese. A primeira versão tinha 520 páginas. Ele leu e marcou quando eu deveria ir para comentar. Ele ficou cinco horas falando mal da tese, criticando ferozmente, mas, ao mesmo tempo, ele dizia: “Você não vai para o Doutorado, vai para a Livre-Docência.” E eu não queria, eu queria fazer todos os passos que existiam na época que eram o Doutorado, a Livre-Docência, concurso de adjunção que era só de títulos (eu chequei a fazer este) e finalmente titular. Eu me aposentei como titular, mas não deixaram eu fazer o concurso porque a Constituição de 1967 tornou os regentes de cadeira professores titulares; então eu não pude fazer o concurso, mas eu quis e insisti muito que eu queria fazer. Foi o Florestan que não me permitiu fazer o Doutorado porque, veja bem, eu faria o Doutorado com a pesquisa que eu tinha feito, faria a Livre-Docência com esse [refere-se ao livro *A mulher na sociedade de classes*] depois o seguinte era de títulos e depois viria o de cátedra. Bom, eu resisti, resisti, mas ele não aceitou, e eu tive que mudar e ir para a Livre-Docência. Ainda foi a tese para ele mais uma vez. As críticas que me pareceram pertinentes eu acatei, mas a maioria não teve esse destino não.

(NPM): Que tipo de críticas?

(HS): Muito a crítica metodológica porque meu livro era escancaradamente marxista, e Florestan, a meu ver, foi socialista do ponto de vista político, mas como intelectual não. Quando ele leu (e eu já

trouxe prontinha a tese, não havia mais mudança) aí ele leu e disse: “Mas você é muito boba, ter dividido em três partes.” A primeira e segunda ele achou que devia ser a Livre-Docência. E a terceira ele achou que devia ser do concurso de cátedra, mas eu já quis fazer com tudo e fiz e não parei de produzir. Então, é curioso porque eu acho que eu me identifico muito mais com Antônio Cândido de quem eu fui aluna em Sociologia, na última turma antes dele bandear para a Teoria da Literatura, mas ainda é “O Professor”, eu sou a “Dona Heleieth” para ele, ele sempre foi muito formal e nunca me apadrinhou; mas com Florestan é curioso porque ele foi rigorosíssimo, e eu entrei pagã nessa história, eu podia ter sido reprovada. Eu pensava: “Será que ele finge que eu sou a aluna do coração dele porque não é possível, falou tão mal da tese e quer que eu vá para a Livre-Docência, na docência ele vai reprovar.” Olha, eu fiquei uns quinze dias sem poder trabalhar pensando nisso. Aí como eu sempre tomei tudo como desafio, eu falei: “Vou mostrar para ele quem sou eu”; sentei e fiz as mudanças que me pareceram corretas. As outras eu não fiz, às vezes, até acentuei meu ponto de vista, e ele foi genial porque ele aceitou.

A banca, o Conselho Estadual de Educação, fez uma guerra psicológica terrível porque espalhou o boato de que todos os membros da banca seriam mudados, porque o processo de escolha da banca era o seguinte: quem mais conhecia os “bambambans” da área em que se estava trabalhando era o próprio candidato e cabia a ele apontar e à congregação ratificar ou retificar. Nunca tinha havido um caso em que se mexesse na banca, porque, depois, o conselho simplesmente ratificava. E aconteceu que eles espalharam esse boato; eu pensei na nata da sociologia que estava no Brasil: Florestan Fernandes, Rui Coelho que é uma pessoa cultíssima. Você imagine que aos 18 anos ele já havia publicado um ensaio sobre Proust, muito culto, o terceiro era o Antônio Cândido [refere-se a Antônio Cândido de Mello e Souza] que tem esse maravilhoso livro *Os conselhos do rio Bonito*, e, na defesa, ele disse que normalmente os sociólogos escreviam muito mal, e que ele tinha ficado feliz em verificar que eu escrevia muito bem, foi meu momento de glória porque o Antônio Cândido é exigente mesmo, ou seja, três medalhões. Depois, a Gioconda Mussolini, que era professora de Antropologia, tinha sido minha professora, e eu queria uma mulher na banca, e ela era a mais categorizada. E, finalmente, o Luis Pereira que, enfim, eu tinha sido assistente dele, e ele me havia convidado para trabalhar, mas, por

sugestão de Florestan, porque o Luis era muito tímido e ele não queria mulher, queria homem. E o Florestan disse: “Olha, você está pensando no fulano? Heleieth dá de dez a zero nele, é muito melhor você ficar com ela.” Só assim foi que ele convenceu o Luis, e ele me convidou.

No dia da minha defesa de tese, não se entrava na faculdade. Havia gente, o auditório inteiramente lotado, as escadas, o chão todo, não havia onde se botar o pé. E o concurso de Livre-Docência é muito cansativo, é uma maratona. Tem prova disso, prova daquilo, ah meu deus. E, ainda o Antônio Cândido tinha um problema de uma viagem e me pediu para fazer duas provas no mesmo dia, a aula e a defesa, eu acho.

Foi a única banca até hoje em que o Conselho Estadual de Educação mexeu. Eles queriam alterar a banca toda, mas não fizeram isso porque mexer com os três medalhões não é para qualquer um. Acho que ficaram com receio. Então, não mexeram com Antônio Cândido, Florestan, mas, em compensação, tiraram o Luis, a Gioconda e colocaram no lugar deles o Heraldo Barbuy que era professor da USP, da ala mais reacionária. O Barbuy, além de pertencer à unidade da USP mais tacanha, ele próprio como pessoa era muito carola, papa-hóstia mesmo. E, finalmente, alguém que devia conhecer, eu não sei quem foi, que devia conhecer o Barbuy e sabia que ele afinava com o conselho. Porque aconteceu que eu entreguei em dezembro de 1966, que era o prazo fatal, eu entreguei e foi para o conselho. E um membro do conselho – justamente um padre – adoeceu e fez o seguinte: levou minha tese para ler no hospital. Então, deu “carta branca” pro Barbuy e disse: “se trata de uma candidata comunista, ela só conhece o Manifesto do Partido Comunista.”

(NPM): Mas a senhora chegou a ser filiada ao Partido Comunista?

(HS): Eu nunca fui filiada, detesto partido político, gosto de política, mas não de política partidária; esse homem foi envenenado pelo conselho, por esse padreco que leu o trabalho ou deve ter lido meio em diagonal. Sei lá o que houve... Então, o Barbuy foi com “carta branca” para me reprovar, bastava ele dar um décimo a menos que sete, e pronto, eu estaria reprovada, mas alguém que ficou sabendo, não sei nem de quem se cogitava como quinto membro. Houve um anjinho da guarda que deu uma soprada e disse: “Não, ela não conhece só o Manifesto do

Partido Comunista, conhece Weber, conhece isso, aquilo.” Aí eles puseram o Pinho [refere-se a Clemente Segundo Pinho], que tinha curso de Letras e Filosofia, então ele podia examinar a tese e ele trabalhava na USP e deixou para trabalhar na hoje UNESP, então ele era meu colega e acabou sendo um dos examinadores. Houve uma troca de fogos entre eu e o Barbuy; foi feia! Mas eu devo dizer que considero que esse homem teve uma atitude honesta, pois ele tinha “carta branca” para me reprovar, ele me deu nota baixa nas outras provas, mas também não podia aspirar nota alta porque eu não tinha Doutorado, tinha muito poucas publicações, dando todos aqueles cursos, estudando feito um camelo, quando é que eu tinha tempo para publicar? Não tinha e nem condições. Então, eu tive notas baixas. Na aula acho que não foi muito justo. Todos foram muito rigorosos porque eu assisti a aulas de colegas meus para as quais eu daria nota 6, 7 e tiveram 9 e 10.

O próprio Florestan não deu a nota máxima. No caso do Florestan, eu imagino por que. Ele não admitia que a primeira tese fosse teórica, tinha que ser empírica. Acho que foi isso. E cada um teve lá suas razões, e eu sei que eu tive nota baixa também na aula, mas, na defesa de tese, eu tive dez por unanimidade. Isso ainda deu uma média pequena. Hoje, quando se fala em 9,5, todo mundo acha pouco, mas, naquela época, você tirar uma nota dessas! Isso era uma demanda lá de dentro mesmo, porque a gente tinha saído dessa formação, éramos nós próprios que exigíamos esse rigor.

O Florestan leu e não quis dar a nota máxima. Não sei o que aconteceu porque, no intervalo, os membros da banca se reúnem, conversam, então isso eu não sei. Eu calculo que o Florestan não tenha gostado de eu ter escapado da norma dele. Porque ele orientava assim, a primeira frase era dele e ponto-final. Ele falava, e todo mundo acatava. Mas foi assim.

(NPM): Como foi o lançamento de *A mulher na sociedade de classes*? Qual foi a repercussão? A senhora me disse que estava na França neste momento.

(HS): Lá na França a repercussão foi grande, porque havia muitas mulheres exiladas ou acompanhando seus maridos exilados. Então, havia muitos grupos feministas de brasileiras. Eu fiz palestras lá, fui convidada várias vezes. E depois pelas francesas. E em 1984, quando eu fui

convidada a trabalhar no Centro Nacional da Pesquisa Científica (França), eu fiz várias palestras, todo o mundo se interessa pelo Brasil. E no livro eu contrariei todas as crenças existentes naquele momento. E hoje, às vezes, me dizem: “A senhora não mudou no que tange à consideração de que havia uma tendência do capitalismo da expulsão das mulheres da força de trabalho nacional, mas tem as tabelas da Cristina Bruschini.” E eu digo: “O que tem as tabelas? Elas estão corretas, agora vão perguntar à Cristina onde estão empregadas as mulheres que ela considera como participantes da força de trabalho efetivamente empregada. Todas na periferia das atividades capitalistas. A maioria, mais da metade das mulheres, está em atividades informais.” Claro que essas atividades servem ao sistema capitalista, mas elas não têm as garantias que esse sistema dá. Eu continuo defendendo com unhas e dentes esse livro. Claro que alguma coisa eu mudaria; a compreensão da história hoje é muito mais rica, o próprio conhecimento que eu tenho do enfoque feminista da história é outro, o que mais? Uma série de coisas.

(NPM): Na nota preliminar do livro, há uma frase que diz não se tratar de um livro feminista. Por que a senhora fez essa afirmação?

(HS): Hoje eu não faria. Porque eu ia muito à televisão, me convidavam muito e toda a vez que eu ia à televisão, você sabe, o que interessa para este tipo de sociedade é denegrir o feminismo. Eu escrevi um artigo fazendo uma classificação dos feminismos, não sei se você conhece, é velho esse artigo, trata do feminismo liberal, socialista, são cinco tipos de feminismo. Hoje a minha compreensão do processo é diferente. Eu avancei muito na compreensão do método do materialismo histórico; encontrei, em leituras que eu fiz dos textos de Marx, apoio para não hierarquizar classe, sexismo e racismo. Descobri que o racismo e o sexismo são irmãos gêmeos, eles nascem no mesmo momento, juntos, só que a escravização da mulher é diferente da do homem, e isso nós vemos até hoje porque o homem entra na força de trabalho como trabalhador. A mulher não, ela entra primeiro como mulher, a mulher trabalhadora. Porque quando ela foi escravizada enquanto o homem, no início era fisicamente eliminado porque representava um perigo muito grande, posteriormente, os povos vencedores perceberam a besteira que faziam, que deveriam aproveitá-los como força de trabalho. Então, os homens eram força de trabalho. E as mulheres? Elas entravam como força de trabalho, como produtoras de força de trabalho, porque são

reprodutoras e prestadoras de serviços sexuais. Veja, você, hoje, quantos e quantos casos nós conhecemos de mulheres que foram obrigadas a ceder ao assédio sexual do chefe para manter o emprego ou que perdeu o emprego porque não consentiram no que o chefe propunha.

(NPM): A verdade é que a mulher é vista primeiro como mulher, depois como trabalhadora ou outra função, tanto que as mulheres precisam estudar mais anos para ter acesso a determinados postos de trabalho que os homens alcançam com uma escolaridade menor.

(HS): Para mim isso foi fundamental, eu entendi isso muito cedo, então, eu estudava mais. Colegas homens que começaram a carreira acadêmica em 1959 nunca fizeram nenhuma tese e se aposentaram como titulares porque todos nós viramos titulares pela Constituição de 1967. E eu sabia que isso podia acontecer e aconteceu, mas se fosse mulher... Eu tive uma colega, muito amiga, professora de alemão, já falecida, que ela chegou a perder o tempo integral.

(NPM): Voltando à questão do livro e ao fato de – na primeira edição – afirmar que não se tratava de um livro feminista...

(HS): Ah, sim, veja bem, não é que eu não fosse feminista. É que os meios de comunicação pegavam sempre o que era pior para usar como rótulo de feministas. Então, houve uma corrente que nunca foi muito expressiva, mas que era a pior, que era das feministas radicais. Elas nunca foram radicais do ponto de vista político. Elas eram radicais porque advogavam uma sociedade só de mulher. E eu sou partidária do radicalismo, mas do radicalismo político, o que este não era. Toda a vez que eu ia à televisão ou ao rádio eu tinha que explicar de que feminismo eu era, por isso que saiu assim.

(NPM): Na nota à segunda edição, a senhora destaca a importância do crescimento dos movimentos feministas. Teria havido um processo de maior aceitação do feminismo pela sociedade brasileira?

(HS): A segunda edição é de 1976, e a primeira foi de 1969, foi um período muito curto de tempo. Não acredito que tenha sido isso não. O que aconteceu é que eu passei a me importar muito menos com o rótulo que me davam.

(NPM): Quando a senhora se reconheceu como uma pensadora feminista?

(HS): Eu não separo o pensamento da prática. Você veja o que eu fiz com o meu marido poucos dias depois de ter me casado. E não foi só isso que eu fiz, fiz outras coisas também. Quando há uma adequação entre o pensar e o fazer, não dá pra separar só o pensamento. Eu sempre fui rebelde, sempre tive autoestima elevada. Porque o que a Betty Friedan, no fundo, descobre com aquele livro é uma baixíssima autoestima da mulher americana. Essa mulher podia fazer várias coisas e, no entanto, ela fica em casa limpando aqueles casarões e bebendo. Eu tinha uma postura muito mais próxima da conduta masculina do que da feminina. Acho que para me afirmar. Eu era muito jovem, um espirrinho de gente, então, para me impor, eu comecei minha carreira com 27 anos lecionando na universidade. Eu entrei muito crua, não havia pessoal qualificado na época. A pós-graduação não havia sido organizada, então, não havia. Havia a possibilidade de se fazer o Doutorado à francesa. Então era uma mistura do sistema francês com o alemão, a Livre-Docência é do sistema alemão. Quando você não recebe a orientação e não passa pela pós-graduação, você é muito crua, e eu felizmente criei muita coisa porque o Luis não tomava conhecimento de mim. E eu não tinha pra quem perguntar, então, boa coisa que eu fiz foi que, no primeiro ano, eu pedi aos alunos que se organizassem em grupos, e cada grupo escolheria um assunto, e cada grupo faria uma pasta com recortes de jornais sobre aquele assunto e fazendo comentários ao lado do artigo. Eu brinco com as coisas porque cria um clima muito mais propício à aprendizagem, faço muita brincadeira, muita piada. Você leu aquele artigo *A violência doméstica ou a lógica do galinheiro*? É bem jocoso! E outro dia eu fiz uma palestra à convite da prefeitura e havia defensoras e defensores públicos, delegadas, enfim, gente que agora está lidando com a Maria da Penha [lei]. Eu sou pela reeducação, não sou a favor do encarceramento, não gosto disso. Uma defensora me perguntou o seguinte: “Nós vamos dar educação de gênero e eu queria saber sugestões suas, por onde a gente começa, o que a gente faz?” E eu perguntei: “Em que nível?” Ela falou: “Todos”. E ficou todo o mundo esperando que eu desse uma brilhante ideia extraída de algum livro famoso. Eu me virei pra moça e disse: “Você tem filhos?” E ela disse: “Dois”. E eu falei: “Tem algum homem?” “Os dois”. E eu perguntei: “E como é que eles fazem xixi?” A moça ficou

atrapalhada, de certo pensando como é que essa mulher pergunta isso? Ela respondeu: “Em pé”. E eu falei: “Por que em pé se sentado é muito mais confortável?” Ela não soube responder. Eu fui mostrando como, enquanto existir esta estrutura material que sustenta o sexismo, o machismo, isso não vai cair. Se a gente puxar o tapete... Ela queria saber se era possível [mudar]. Eu levei o caso de um doutorando meu que fez a experiência com os meninos dele, e os dois meninos faziam xixi sentados, sem sujar o banheiro todo que é o que os homens fazem. (Risos). Eu falei para ela que ia tudo muito bem, e a desgraça veio quando eles foram para a escola porque a escola ensinou aquilo que nós queremos destruir. Então, você pegue o que a escola ensina, inverta tudo, que vai dar certo!

(NPM): A educação tem um papel diferencial, inclusive, teve um papel importante em sua vida.

(HS): A educação é fundamental e a vivência das coisas porque, às vezes, eu digo qualquer coisa em conferências, e as pessoas ficam meio-assustadas, mas eu tenho experiências que eu posso relatar. Não são coisas lidas, são coisas criadas por mim, postas em prática e que funcionaram.

(NPM): Como foi a sua relação com a ditadura militar? Em algum momento houve questões de censura?

(HS): Houve aquela guerra do conselho, houve coisas desagradáveis, telefonarem para minha casa dizendo que nós dois éramos da linha chinesa e sobre a China não se sabia nada. Besteiras! Eu não fui torturada, não fui presa, eu tive aborrecimentos. Sabia que meu nome estava na lista dos demissíveis, sabia que eu poderia perder o emprego a qualquer momento e aí seríamos os dois desempregados, mas eu não mudei meu sistema de aulas, continuei dando as aulas do mesmo jeitinho, falando tudo o que eu pensava. O que eu queria e eu politizei os alunos com esse trabalho de jornal porque eu reservava uma hora por semana para discutir o trabalho de um ou dois grupos. Então, partíamos de acontecimentos e chegávamos a conceitos. É bastante interessante ensinar dessa maneira porque fica mais concreto o conceito, e o aluno aprende de maneira mais fácil, meio que brincando. Então é muito comum em conferências rapazes perguntarem como é que nós vamos fazer a nossa emancipação.

E eu digo sempre, quando nós, feministas, começamos a trabalhar na nossa não havia nenhuma receita, nós fomos criando na medida em que as coisas aconteciam, e vocês têm que fazer algo semelhante porque receita não há não.

(NPM): E como foi a sua relação com os intelectuais de esquerda? Houve resistência ao seu trabalho?

(HS): Até atualmente eu sou criticada pelos marxistas porque eu não sou uma marxista ortodoxa, e sou criticada pelos não marxistas porque sou uma marxista ortodoxa. Veja bem! Numa conferência que eu fiz à convite da *Boitempo* [editora] um deles se manifestou e disse assim: não podia aceitar essa minha ideia de colocar no mesmo patamar o sexismo, o racismo e as classes sociais. Então, tem gente que hierarquiza e é firme em esta hierarquização, e eu acho que na medida em que se continue a hierarquizar se dá uma importância maior às classes quando, na verdade, você vê que quando nós nascemos, qualquer pessoa, já tem um destino traçado. São três destinos: de acordo com o sexo, o da raça e o da classe social. Dizer que, e a Rose [Muraro] diz isso, que a criança quando nasce seu primeiro contato é com a classe social, eu acho que não é só não. É simultaneamente com os três. Ela será vestida de acordo com seu sexo, ela receberá determinados rituais de acordo com a religião, cultura, portanto relacionada a questões de etnias. Da classe social, vai tomar leite materno, vai tomar leite em pó ou vai tomar quase água.

Mas eu trabalho com o espaço do imponderável, ao mesmo tempo em que eu reconheço um certo determinismo. Eu sei, porque eu mesma fui capaz de mudar meu destino, então, porque os outros não iriam conseguir? Muita mulher, muito homem mudou o seu destino nas três contradições. Pra começar esse conceito de identidade, quando é usado de modo fixo, é uma tragédia, só atrapalha, não ajuda em nada. Eu prefiro trabalhar com subjetividades. A identidade é dada por uma série de subjetividades, e nós matamos algumas delas, damos nascimento a novas, estamos em permanente mudança.

Nesse trabalho da ontogênese do gênero, eu mostro que o conceito de gênero é muito vago, não passa de uma categoria gramatical. Agora, podemos usá-lo? Podemos, ele é ótimo, economiza papel! Agora ele é válido? Ele é, mas o conceito, quanto mais extenso, menos profundo ele é, é o caso do gênero. Gênero serve para a história inteira, mas, quando

eu digo gênero, eu não sei quem manda em quem. Mas se eu disser “ordem patriarcal de gênero” aí eu sei que se trata de uma fase do gênero patriarcal, e o título já comunica ao leitor, ao ouvinte, a direção do vetor da dominação. A palavra dominação não uso sozinha porque aí eu acho que se cai num construto weberiano, então, eu uso exploração/dominação tomando o cuidado de não usar sempre na mesma ordem para evitar que o leitor pense em dois processos: um que acontece primeiro e outro que o sucede. É um único processo com duas faces.

Estão tentando desenvolver um trabalho em que se use exclusivamente o conceito de gênero e aí eu não concordo, porque a história mostra que faz seis, sete mil anos que nós temos a ordem patriarcal de gênero e foi um belo legado das feministas radicais o conceito de patriarcado. Mas as categorias que dominavam ainda eram cartesianas, dicotômicas. Então, se a sociedade hoje é patriarcal, no passado ela deve ter sido matriarcal? Mas será que a maneira de fazer a pergunta não é decisiva em ciência? Porque se a pergunta fosse: Bem, hoje, nos temos uma ordem patriarcal de gênero, mas não teria havido no passado sociedades igualitárias? Me parece que esta pergunta teria induzido estudiosos a definir um outro campo epistêmico.

(NPM): A senhora concorda que hoje já se caminha para a construção de uma epistemologia feminista?

(HS): A defesa desse ponto de vista eu tenho mais dúvidas do que certeza. Não posso lhe dizer nem sim nem não. Há alguns anos atrás, eu organizei uma mesa na ANPOCS que se chamava mais ou menos assim: teriam os estudos de gênero contribuído para a construção de um novo paradigma metodológico? Contribuído, já é bem mais modesto e, mesmo assim, será que nós chegamos a construir um paradigma metodológico distinto? Não sei! Quanto mais a gente aprende, Natalia, mais dúvidas aparecem. Quando se é jovem, não se tem dúvida nenhuma.